

TRABALHOS DE ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA

DA SOCIEDADE PORTUGUESA DE ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA
E DO CENTRO DE ESTUDOS DE ETNOLOGIA PENINSULAR

VOL. XI — FASC. 3-4
(NOVA SÉRIE — DA SOCIEDADE E DO CENTRO)



PORTO — 1948

INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA — Faculdade de Ciências

A 3.^a sessão plenária da Comissão Internacional das Artes e Tradições Populares (1947)

Realizou-se em Paris de 1 a 5 de Outubro de 1947, pela primeira vez depois da guerra, a sessão plenária da C. I. A. P., que decorreu com animação inesperada.

Por indicação do Professor Mendes Corrêa foi o nosso nome designado para irmos representar o Centro de Estudos de Etnologia Peninsular, a fim de Portugal não deixar de marcar presença neste certame internacional.

Embora não tivéssemos chegado ao início dos trabalhos, teria sido, de facto, lamentável se Portugal não tivesse enviado representação, tanto mais, que a ausência da Espanha viria a deixar a Península Ibérica quase que como a única região da Europa, que não comparecia, se exceptuarmos a Alemanha, que não pôde participar pelas circunstâncias que todos conhecemos. De resto, quase todas as nações europeias mandaram representantes, desde o pequenino Luxemburgo, que enviou Dummont, até aos países que foram particularmente afectados pela guerra, como a Itália, representada por Corso, e a Polónia representada por Kolankowski.

Outros países europeus enviaram dois e três representantes, vendo-se, entre os presentes, figuras de grande relevo dentro da Etnografia, como: Meertens (Hol.), Campbell, Lindblom e Erixon (Suécia), Henningsen e Schiqrting (Dinamarca), Marquina (México), Brailoiu (Roménia), Van Gennepe, Rivet, Maget, Rivière, Duchartre (França), Lajtha (Hungria) e muitos outros.

Contudo, apesar da distância e das dificuldades que ainda representam as grandes viagens, vieram etnógrafos de países distantes, como a Turquia, o Irão, os Estados Unidos, o México e o Brasil. Só o Brasil tinha nada menos que três representantes, que seriam os únicos de língua portuguesa se nós não tivéssemos comparecido.

Entregámos ao Sr. Foundoukidis, secretário da C. I. A. P., um relatório da actividade portuguesa no campo da Etnografia e, a seu pedido, por falta de representante espanhol, fizemos o mesmo para a nação vizinha, que tem hoje figuras de grande relevo e cuja acção era lamentável ficar esquecida.

A C. I. A. P. resolveu criar dentro da sua organização, 10 secções científicas para trabalhos práticos (das quais duas começarão a reunir a partir de 1948) a saber: 1.^a Bibliografia; 2.^a Teorias gerais, metodologia, terminologia; 3.^a Museus, colecções, arqui-

vos, centros de documentação; 4.^a Habitat, trabalho, tecnologia; 5.^a Sociedade, religião, direito; 6.^a Literatura; 7.^a Artes dramáticas, brinquedos e folganças; 8.^a Artes plásticas e decorativas, trajos; 9.^a Música e dança; 10.^a Exposições, festivais, manifestações públicas.

À frente destas secções está uma comissão de 40 membros, formada por cientistas de nome internacional de vários países, que centralizam as actividades dos investigadores de cada secção do país a que pertencem.

Como membro da comissão e delegado português junto da C. I. A. P. foi escolhido o Professor Mendes Corrêa, com o que particularmente nos congratulamos, por tal honra caber ao Director do Centro de Estudos de Etnologia Peninsular.

Foram vários os problemas debatidos nas reuniões de Paris, alguns deles de magna importância para os especialistas da Etnografia.

Tomaram-se resoluções várias em face dos relatórios apresentados, sobre métodos e instrumentos de trabalho, entre as quais: a preparação dum manual de metodologia geral; fixação de regras para os atlas nacionais, mediante a comparação das regras internacionais; organização de bibliografia retrospectiva e anual, esta última como resposta às ofertas dos Profs. Geiger (Suíça) e Boggs (U. S. A.) para a utilização e coordenação das instituições existentes.

Resolveu-se também aceitar a oferta de incorporar na C. I. A. P. os Arquivos Internacionais de Música Popular, de Genebra.

A C. I. A. P. deve publicar uma revista internacional, cujo primeiro número aparecerá em 1948 e se intitulará:

Laos, usos e costumes dos povos, Etnografia e Folclore comparados.

A C. I. A. P. também pensa organizar festivais de música e de dança, representações dramáticas, e pequenas exposições de assuntos limitados, além duma grande exposição de Arte Popular.

Aceitando a proposta da cidade de Berna, esta exposição realizar-se-á nesta cidade em 1951 ou 1952, de acordo com um antigo plano grandioso, que as circunstâncias internacionais tinham impedido de realizar.

Pelo número de países que participaram na reunião, pela importância dos problemas discutidos e pelas decisões tomadas, já se pode compreender o extraordinário desenvolvimento que os estudos etnográficos estão a tomar em todo o Mundo.

Desde a Rússia à América trabalha-se hoje activamente na investigação etnográfica, criando-se institutos, revistas, arquivos, atlas, laboratórios e museus.

A América, pátria jovem, nascida do amálgama de imigrantes de todas as raças, e, portanto, a menos capaz de apresentar uma tradição cultural própria, procura agora relacionar os elementos folclóricos existentes no seu país, com os das pátrias de origem dos seus imigrantes, estudando, além disso, o que há de contribuição especificamente americana, porque a geografia entra como elemento modificador dos valores humanos, imprimindo-lhes feição própria, se não de fundo, pelo menos formal.

Mas, acima de tudo, devemos admirar o trabalho sério e verdadeiramente científico realizado por algumas nações pequenas, que da lição da Alemanha aproveitaram o ensinamento científico, desprezando o ideológico, e que sòmente animadas do amor do seu povo e da ciência, conseguiram ser hoje modelos dignos de imitação. Entre estas nações destacam-se a Suécia, a Dinamarca, a Suíça e a Noruega, que pelos seus museus, revistas, institutos, publicações da especialidade e atlas etnográficos, não têm, depois que desapareceu a Alemanha, nenhuma outra que se lhes compare.

Mas, devemos dizer que, mesmo nações cientificamente mais atrasadas e economicamente menos favorecidas, como a Grécia ou o Irão, trabalham activamente no campo da Etnografia, chegando a haver, na primeira, duas cadeiras da especialidade, uma na Universidade de Atenas e outra na de Salonica, além de revistas periódicas da especialidade.

A França, apesar de contar grandes figuras de relevo internacional, não tinha atingido o mesmo desenvolvimento nesta ciência, como em outras, mas, pode-se dizer que, no último decénio, fez todos os esforços para conquistar um lugar digno da sua tradição científica. A guerra veio interromper certos trabalhos iniciados, que depois da libertação recommençaram com toda a energia, apesar da grave situação económica que a impede de empregar o número de colaboradores que de início conseguiu reunir.

Contudo, podemos citar alguns dados elucidativos do que se tem feito e está a fazer naquela nação.

No Palais de Chaillot estão a organizar o Museu Nacional de Artes e Tradições Populares, para o qual já contam com enorme quantidade de material, que está amontoado nos armazéns que tivemos ocasião de visitar.

Criou-se a Sociedade de Etnografia Francesa que publica um boletim mensal (10 por ano) «Le Mois d'Ethnographie Française»,

e uma publicação anual com artigos originais, sob o título de Anais da S. E. F.

Esta Sociedade conta com grande número de colaboradores em Paris e na província, onde tem delegados e se organizam museus.

Nas instalações do Palais de Chaillot existem secções de Arquivos de monografias e de fotografias, Biblioteca da especialidade, salas de trabalho para indivíduos estranhos à Sociedade, uma secção de Musicologia Popular e um Centro de Formação Profissional de Arquitectos e Urbanistas Rurais.

Grande parte do cadastro da habitação rural francesa já está levantado. Para isso empregaram 50 arquitectos que percorrem as diferentes regiões do país, fazendo pequenas monografias da habitação rural.

Estes arquitectos levantam um alçado exacto das casas consideradas mais típicas, esboçam, além disso, uma planta da região, para relacionar a casa com a paisagem, fazem fotografias e juntam a isto um relato exacto de tudo aquilo que se relaciona com a habitação, tipo de vida dos habitantes, etc. Este material serve para o mapa da casa no Atlas Etnográfico, que a França se propõe fazer, como os que já existem noutras nações.

Os arquivos de fotografia já contam com 65.000 clichés, dos quais uns 20.000 são do inquérito da casa, 15.000 de mobiliário e 20.000 no Atlas.

Na Secção de Musicologia, além da chefe M.^{elle} Marcel Dubois e da assistente M.^{elle} Andral, chegaram a ter, antes das últimas restrições de pessoal, 7 colaboradores permanentes. Esta secção tem aparelhagem própria, que transportam num automóvel para registar pela província tudo aquilo que julgam necessário, pois a anotação musical escrita não é considerada suficiente.

À frente desta organização da Etnografia Francesa estão os conservadores do Museu, George Henri Rivière e Marcel Maget, a quem a França muito deve pelas suas excepcionais qualidades científicas, e de dedicação à ciência a que se consagram. Em todos os outros colaboradores do Museu reinava aliás um entusiasmo e interesse, verdadeiramente animadores.

A nossa visita a Paris permitiu estabelecer contacto com os colegas das diferentes partes do Mundo, alguns dos quais se interessaram bastante por conhecer a que resultados tínhamos chegado na investigação de certos fenómenos. Causou bastante admiração o facto de em Portugal se encontrarem, abundantemente representados, os arados quadrangulares, próprios da Europa central e setentrional, cuja fronteira Sul é a Bélgica e o Norte da

França, e que devem ter sido introduzidos no nosso território pelas invasões suevas.

Também acharam curioso o nosso conceito de Etnografia, bastante mais amplo que o tradicional, e para o qual hoje se tende, como se viu pelas discussões travadas durante as reuniões da Sessão Plenária da C. I. A. P..

Mercê deste contacto, já temos recebido bastantes pedidos do estrangeiro de informações, de desenhos e de fotografias de assuntos que se estão a estudar no Centro de Estudos de Etnologia Peninsular. Por nossa vez, também temos recorrido a colegas estrangeiros para saber coisas que são importantes para o conhecimento mais perfeito de assuntos que temos em mãos.

Por este relato se vê como é animador para os que se dedicam à Etnografia, saber que esta ciência está em via dum enorme desenvolvimento em todo o mundo, e que um próspero futuro a espera, pelos enormes tesouros inexplorados que estão à sua disposição para melhor conhecimento do homem e das culturas.

Não queremos deixar de exprimir aqui os nossos agradecimentos ao Prof. Mendes Corrêa que indicou o nosso nome para ir representar o Centro a Paris, assim como ao Instituto para a Alta Cultura, que além de acolher com simpatia essa escolha, nos forneceu os meios para levar a cabo tal missão.

J. D.

2.^a Conferência Internacional dos Africanistas Ocidentais

Realizou-se em Bissau, de 8 a 17 de Dezembro de 1947, a 2.^a Conferência Internacional dos Africanistas Ocidentais. Nela colaboraram cientistas franceses, ingleses, espanhóis e portugueses, tendo na 3.^a secção (Meio humano) sido apresentados cerca de 60 trabalhos de Antropologia física e cultural, muitos dos quais de portugueses.

No n.º 27 do ano de 1948 da revista «Portugal em África» publicou o presidente da Comissão Organizadora e da Conferência um artigo sobre a participação das entidades locais da Guiné Portuguesa na Conferência, transcrevendo-se aqui em seguida a